

Estudo dos preconceitos de alunos e alunas acerca do desporto no masculino e no feminino

Paula SILVA; Paula BOTELHO-GOMES; Amândio GRAÇA
Universidade do Porto, FCDEF
psilva@fcdef.up.pt

Resumo: No actual modelo curricular predomina o da iniciação desportiva. A transposição pedagógica do desporto para a escola tem-se caracterizado por uma educação desportiva monocultural, não compatível com as actuais necessidades e interesses dos nossos alunos e alunas. A pluralidade cultural é uma característica do desporto que a escola não pode ignorar, bem como deve estar alerta para a capacidade ilusória de neutralidade do desporto na construção dos géneros (Theberge,1991). As diferenças atribuídas a cada género estão bem impressas nas estruturas sociais e mentais (Bourdieu, 1999) e a educação física e o desporto têm dificuldade em trabalhar na presença dessas diferenças, dificuldade que em si é preconceituosa e reforça estereótipos.

Só no reconhecimento dos princípios de alteridade e da equidade se poderão assegurar justiça e justiça no processo educativo, e só assim a Educação Física (EF) e o desporto poderão desenvolver a auto-estima, melhorar a competência percebida dos seus alunos e alunas e, esperemos, alterar a tendência actual ao fomentar o desejo por um estilo de vida activo.

Este estudo centra-se nas concepções do/a aluno/a acerca do desporto no masculino e no feminino e na sua percepção da presença, ou não, de atitudes e comportamentos (de alunos, alunas e/ou do docente) diferenciados mas discriminatórios em função do sexo nas aulas de EF.

Realizaram-se entrevistas estruturadas a alunos e alunas (n=46) do ensino secundário de escolas do distrito do Porto. Os dados foram sujeitos à técnica de análise de conteúdo.

Palavras-chave: concepções sobre o desporto, alunos e alunas, educação desportiva monocultural

Introdução

A escola deve atender à pluralidade cultural que caracteriza o desporto bem como à sua ilusória neutralidade na construção dos géneros (Theberge, 1991).

As diferenças de género, estando bem impressas nas estruturas sociais e mentais (Bourdieu, 1999), parecem potenciar no âmbito da Educação Física (EF) e do desporto o desenvolvimento de atitudes preconceituosas e de estereótipos de género. Os preconceitos e os pré-conceitos na EF e no desporto são castradores na construção de feminilidades e de masculinidades, incutindo subtilmente a ideia, através do currículo, explícito, nulo e oculto, de uma imagem hegemónica masculina, expressa num padrão 'legítimo' de masculinidade (Botelho Gomes et al, 2002). Mas se o padrão único é discriminatório para as raparigas, também não é verdadeiro para os rapazes. A masculinidade hegemónica constrói-se não só em oposição à feminilidade, como também em oposição a outras possibilidades de masculinidade. Não nos parece possível manter estas 'perturbações' e por isso urge indagar quem se sente ameaçado e quais as razões da ameaça (Louro, 2000).

A falsa neutralidade da EF quanto ao género, lidando com os alunos e as alunas da mesma maneira, na errónea suposição de que assim se atinge a justiça e a igualdade de oportunidades, tem inquinado a educação. Patrício (1990) contraria claramente aquele pressuposto quando refere que educamos personalidades irrepetíveis e que nos projectos individuais de existência podem fazer sentido saberes e culturas diversas.

A escola deve respeitar e implementar princípios de equidade que assegurem justiça e justiça no processo educativo. A EF e o desporto devem desenvolver a auto-estima e a competência percebida de alunos e alunas de modo que todos, rapazes e raparigas, vejam as actividades físicas e desportivas como actividades do seu quotidiano durante a sua vida. Para tal é fundamental que tanto eles como elas tenham prazer na prática dessas actividades.

Metodologia

Este estudo centra-se nas concepções do/a aluno/a acerca do desporto no masculino e no feminino e na sua percepção da presença, ou não, de atitudes e comportamentos (de alunos, alunas e/ou do docente) diferenciados mas discriminatórios em função do sexo nas aulas de EF.

Realizaram-se entrevistas estruturadas a alunos e alunas (n=46) do ensino secundário de escolas do distrito do Porto. Os dados foram sujeitos à técnica de análise de conteúdo.

Discussão

As alunas consideram que todos os desportos podem ser praticados por ambos os sexos,

...tanto rapazes como raparigas podem praticar o mesmo tipo de desporto quer estejamos a falar de futebol americano como de ballet, acho que não tem mesmo nada a ver.

Mesmo partindo do pressuposto de uma certa superioridade dos homens no que respeita a determinadas capacidades físicas e motoras as alunas entendem que as mulheres podem praticar qualquer desporto.

...embora os rapazes normalmente tenham mais massa muscular e tenham mais força, acho que as raparigas também têm o direito de praticar, acho normal, o hóquei ou o râguebi, porque não as raparigas praticarem também?

Por sua vez, os alunos consideram que o desporto é para todos e para todas embora existam desportos que não são adequados à prática de raparigas, e outros que os rapazes simplesmente não devem praticar. A biologia humana e o carácter mais agressivo de alguns desportos constituem os argumentos que os rapazes apresentam para que as mulheres não pratiquem desportos como, por exemplo, o râguebi só adequado à prática masculina

...o homem é um ser, por natureza, é um ser mais forte.

... o râguebi por exemplo, acho que é um desporto que se aplica mais aos homens porque é mais violento mais contacto físico e isso.

...os rapazes são normalmente os mais fortes e, talvez o râguebi e isso, são actividades que devem ser só para rapazes.

Já as razões que os alunos apontam para que determinadas actividades (por exemplo a aeróbica) não devam ser praticadas por rapazes ou homens estão associadas a atitudes de uma cultura homofóbica.

... penso que os rapazes não devem fazer aeróbica... , pelo menos eu sinto-me mal a fazer,

... os homens ficam mal assim tipo aeróbica ou dança, nem parecem homens..

A homofobia pode reforçar os estereótipos ligados ao género e influenciar a uma prática de actividades desportivas só do grupo consideradas 'apropriadas ao género' (Coakley, 1994).

Um outro objectivo deste estudo pretendia perceber como os alunos e as alunas percepcionavam a presença de atitudes e comportamentos nas aulas de EF (por parte dos/as colegas e/ou do/a docente) diferenciados e discriminatórios em função do sexo.

Os alunos não se sentem como alvos de qualquer tipo de atitude ou comportamento discriminatório e mesmo as referências acerca de interações entre discentes ou entre discentes e docentes são escassas.

Já as alunas percepcionam comportamentos e atitudes discriminatórias: sentem-se rejeitadas pelo grupo de rapazes e por vezes 'gozadas' dadas as reacções dos

rapazes aquando da sua integração nas equipas. Elas referem frequentemente o exemplo do futebol em que as interacções dos colegas rapazes são inibidoras do seu desempenho.

...começam logo a resmungar connosco, depois nós, pronto, ficamos nervosas e só fazemos asneiras..

...os rapazes é aquela coisa, eles acham que sabem mais que nós, se nós cometemos algum erro eles começam logo 'ai, não faças assim', se forem eles a cometer um erro nós não dizemos nada.

...e se formos jogar futebol eles não passam as bolas ou então se passam se fazemos alguma asneira começam a mandar piropos e essas coisas, e a dizerem que não sabemos jogar.

No entanto as referências não se restringem ao caso do futebol e, no geral, as raparigas indiciam um desprazer no desempenho de algumas actividades desportivas devido às desadequadas atitudes de alguns dos seus colegas.

...não tem sido muito agradável, a jogar volei os rapazes não nos dão muitas oportunidades, uma bola vem na nossa direcção e eles põem-se no nosso lugar, não respeitam as colocações, nada e no futebol também não passam a bola.

Resultados semelhantes são apontados em outros estudos desenvolvidos no nosso país (Brandão, 2002; Ferraz, 2002). Os comportamentos discriminatórios dos colegas são bem evidentes e mais uma vez a referência ao futebol como uma modalidade cuja prática desencadeia sentimentos negativos e acentua desigualdades.

ser diferenciada por ser rapariga, nos desportos colectivos, principalmente no futebol; não passam a bola às raparigas (Brandão, 2002).

as raparigas podem fazer tudo, mas futebol não (Ferraz, 2002).

A escola segregada deu lugar a um modelo de escola mista (não coeducativa) que unicamente aceitou as raparigas num sistema de ensino e nos currículos em vigor, e numa EF com um programa concebido unicamente para rapazes. A escola abriu as portas às raparigas mas não se ajustou nem contemplou essa nova população. Assim, a orientação da EF hegemonicamente masculina silencia os menos aptos, dá corpo a sentimentos negativos e acentua desigualdades.

Educação Física de modelo único (masculino) e tamanho único, contraria o princípio antropológico que nos diz que os seres humanos são diferentes apesar das suas semelhanças (Daolio, 1995). Contraria também muitos dos discursos que todos/as nós fazemos em torno da importância da EF para a educação e formação de crianças e jovens. O respeito pelas capacidades e interesses deles e delas não se coadunam com planificações que se orientam pela ideia virtual do 'aluno médio' (de que sexo-género?), não se compadecem com conteúdos, objectivos e metodologias que não despertam motivação, agrado e significado (Botelho Gomes et al, 2002).

Conclusões

as alunas entendem que apesar das diferenças biológicas todos e todas podem praticar qualquer desporto;

os alunos entendem, que embora o desporto seja para todos e todas, há desportos que as raparigas não devem praticar por questões biológicas, e outros que 'fica mal' aos rapazes praticarem;

comportamentos e atitudes discriminatórias são percebidas unicamente pelas alunas por parte dos seus colegas (rapazes) nas aulas de EF.

Quando as alunas e os alunos têm a palavra expressam opiniões que corroboram algumas das nossas preocupações. Estes estudos apontam para resultados que não deixam ninguém indiferente e, como tal, constituem tema obrigatório de reflexão e um desafio à mudança.

Bibliografia

- BORDIEU, P. (1999). A dominação masculina. Celta Editora. Oeiras.
- Botelho Gomes, P.; Silva, P.; Queirós, P. (2002). Para uma Estrutura Pedagógica Renovada, Promotora da Coeducação Desportiva. Comunicação apresentada no Simposium 'As Mulheres e o Desporto', 15-16 Novembro de 2002. Lisboa.
- COAKLEY, J. (1994). Sport in Society: Issues and controversies. Mosby. Baltimore.
- LOURO, G. (2000). Currículo, género e sexualidade. Porto Editora. Porto.
- PATRÍCIO, M. (1990). A Formação de professores à luz da lei de bases do sistema educativo. Texto Editora.
- THEBERG, N. (1991). Reflections on the body in the sociology of sport. Quest, 43:123-134.
- DAOLIO, J. (1995). A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em "antas". In E. Romero (Org.), Corpo, mulher e sociedade (99-108). Papirus. Campinas, SP.
- Brandão, D. (2002). Expectativas e importância atribuída à disciplina de educação física. Dissertação de mestrado em Ciência do Desporto, especialização Desporto para Crianças e Jovens. Universidade do Porto, FCDEF.
- FERRAZ, M. G. (2002). Questões de género na aula de educação física. Dissertação de mestrado em Ciência do Desporto, especialização Desporto para Crianças e Jovens. Universidade do Porto, FCDEF.